

## EDITORIAL

O presente volume da *Revista do GEL* reúne onze trabalhos de pesquisadores que têm ampla experiência na área de Letras, especialmente no que tange aos estudos linguísticos e literários. Nesse sentido, a diversidade de pesquisadores e de instituições de ensino aqui apresentada, mais uma vez, atesta o papel central desta revista na divulgação do conhecimento produzido em grandes centros de pesquisa, com especial destaque às pesquisas desenvolvidas no Brasil e/ou em relação direta com problemas que são caros à nossa realidade.

Seguindo um certo *espírito de época*, os cinco trabalhos que abrem o volume tratam todos, de algum modo, do universo da criança e do jovem, muitas vezes tomados como alunos/aprendizes, tema que é bastante sensível e delicado e que tem merecido, principalmente em nosso país, a atenção de pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas. Aqui, os trabalhos centram-se, de um lado, no estudo dos discursos sobre a infância, a adolescência e as práticas de ensino que os levam em consideração, e, de outro lado, em questões sobre ensino e aprendizagem de línguas materna e estrangeira e na aquisição da fala e da escrita.

Os seis trabalhos restantes tratam, respectivamente, de questões sobre o uso da tecnologia e da internet no ensino de língua estrangeira, da descrição de aspectos da língua indígena, de questões sobre variação e sobre manifestações de um prescritivismo latente no estudo da gramática do português do Brasil, de uma abordagem sistêmico-funcional da prática discursiva de aconselhamento e, por fim, da construção do feminino nas obras de Marguerite Duras e de Clarice Lispector.

O primeiro texto, de Carla Letuza Moreira e Silva, intitulado “O discurso oficial sobre a criança no Brasil”, apresenta os efeitos de sentido sobre a criança que são construídos no interior do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), em vigor desde a década de 1990. Para a autora, são esses efeitos de sentido que determinam os modos de pensar e agir sobre as

crianças e a infância que circulam, atualmente, no Brasil. Para levar a cabo sua análise, Moreira e Silva vale-se das noções de sujeito e formação discursiva oriundas da análise do discurso francesa (AD), especialmente aquela propagada por Michel Pêcheux, o que permite desvendar um panorama que traz à luz os papéis históricos e ideológicos que determinam e são determinados *nos* e *pelos* dizeres dos discursos *da* e *sobre* a criança, revelando as contradições e os confrontos entre dizeres e silenciamentos.

O segundo texto do volume, “Livros didáticos de língua portuguesa e a discursividade da inclusão digital”, de Cristiane Pereira dos Santos e Ana Maria Di Renzo, também a partir de uma abordagem discursiva, busca compreender os sentidos constituídos sobre a inserção das novas tecnologias digitais nas escolas públicas brasileiras a partir do Programa Nacional de Tecnologia Educacional – ProInfo e seus efeitos nas práticas de ensino de língua portuguesa. Tendo como arcabouço teórico a Análise de Discurso de linha materialista em articulação com a história das Ideias Linguísticas (HIL), as pesquisadoras descrevem e analisam o discurso do governo federal sobre as políticas de língua que estão em circulação nas escolas públicas, a partir de recortes de dois livros didáticos de língua portuguesa, destinados aos jovens alunos do 3º ano do Ensino Médio. De acordo com os resultados do trabalho, as políticas de inclusão de tecnologias nas escolas não vão além de uma “ilusão de igualdade”, já que o uso da internet, do computador e do celular que propõem, por exemplo, está baseado em práticas de ensino tradicionais e autoritárias. As propostas de atividades analisadas, portanto, não se deslocam para uma nova abordagem que repensa a relação língua, sujeito e sentido na sua materialidade constitutiva, na medida em que apontam para um fechamento dos sentidos no trabalho com a leitura e a escrita, o que é comum no livro didático.

Paula Ávila Nunes e Manoela Tanan Ferreira, em “Intervenção interativa na forma de ‘bilhetes’ como estratégia didática para trabalho com reescrita textual”, terceiro artigo deste volume, tendo como pano de fundo as concepções sociointeracionistas de linguagem e de ensino, principalmente a partir dos trabalhos de Lev Vygotsky e Mikhail Bakhtin, buscam avaliar a eficácia da intervenção interativa na forma de “bilhetes” como estratégia didática para que alunos superem problemas linguísticos, nas produções de textos pertencentes ao gênero artigo de opinião. Tomando como *cópus* os textos produzidos por um grupo de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, chegou-se à conclusão de que as intervenções em forma de “bilhete” têm demonstrado – especialmente quando ao lado de outras estratégias, tais como listas de constatações e a intervenção presencial do professor junto ao aluno – bons resultados

como estratégia didática para ensino de reescrita textual com alunos de proficiência leitora e escritora mediana ou superior.

Na mesma direção vai o quarto artigo, intitulado “Notas sobre a questão da singularidade da fala da criança”, de Glória Maria Monteiro de Carvalho. Nesse caso, no entanto, o enfoque é outro: a partir de uma abordagem psicanalítica que tem como ponto de partida a noção de significante, conforme elaborada no âmbito do pensamento saussuriano, a autora busca discutir de que modo, em um momento muito inicial da aquisição de linguagem, a fala da criança poderia ser considerada transgressora. Na esteira dos estudos de Jean Claude Milner, Carvalho assumirá que a transgressão da fala infantil será uma transgressão ao significante, estendendo assim a noção de anagrama – tomado então como ruptura no significante – à fala infantil. Ao tomar para a análise fragmentos de enunciados produzidos por uma criança em um momento inicial de sua trajetória linguística, a autora propõe que a escuta da singularidade da fala infantil, pelo investigador, implicará na escuta de uma transgressão da linearidade do significante da fala do outro/falante.

O quinto trabalho a tratar do universo infanto-juvenil é “Tomando uma obra infanto-juvenil traduzida para o português e o espanhol como subsídio para o ensino da tradução”, de Talita Serpa e Celso Fernando Rocha. Ao escolher seu objeto de estudo por conta do “encantamento e [da] ludicidade” que causa, os autores evidenciam um aspecto relevante da relação de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira e do ensino de competência tradutória: a motivação, de um lado, e o Conhecimento da Cultura fonte e da Cultura alvo, de outro. Na hipótese de Serpa e Rocha, trabalhar com literatura fantástica facilita e favorece a aquisição de conhecimento, em especial de Conhecimento Temático. Os autores apontam ainda para a importância de se trabalhar, nos Estudos da Tradução, com o contraste entre textos de partida (TPs) e de chegada (TCs), que seria, pois, um campo profícuo para análises descritivas que, convertidas em material de ensino, podem favorecer a assimilação do conjunto de opções passível de ser utilizado durante o processo tradutório.

O texto “Percepções de professores de língua inglesa sobre os usos da tecnologia e da internet na aprendizagem de língua estrangeira”, de Rosi Ana Grégis, já não aborda diretamente os universos infantil e juvenil, mas não deixa de tocar, em parte, no tema, uma vez que analisa, por meio de entrevistas, as percepções de professores de inglês como língua estrangeira sobre o modo como a internet e as novas tecnologias têm influenciado na aprendizagem de línguas, tanto de adultos como de crianças, seja em sala de aula, seja em ambientes informais de aprendizagem. Conforme indica a autora, o uso de *blogs*, *chats*, Twitter, *e-mails*, *sites* e vídeos da internet, entre outros, pode contribuir para uma

aprendizagem mais eficaz da língua inglesa, não sendo surpresa, portanto, segundo a autora, observar que a maioria dos professores de inglês entrevistados acredita que as novas tecnologias podem mudar a maneira como se aprende e se ensina línguas estrangeiras.

Luciana Sanchez-Mendes, em “A distinção contável-massivo em Wapixana: aparente desafio tipológico”, investiga a distinção contável-massivo (C-M) na língua Wapixana, língua da família Aruák falada no Brasil no estado de Roraima, na Venezuela e na Guiana. Além de descrever preliminarmente o papel da distinção C-M na gramática do Wapixana, a autora discute os dados dessa língua específica tendo em vista uma abordagem translinguística. Sanchez-Mendes, a despeito de trabalhos que afirmam que a língua apresenta tanto marcas de número quanto classificadores, demonstra que eles podem ser tratados como termos de classe na língua e que seriam raízes nominais utilizadas na produção de léxico. Desse modo, se, à primeira vista, Wapixana parecia ser um tipo de língua incomum por apresentar tanto morfologia de número quanto classificadores numerais, as análises mostraram que ela, na realidade, possui características de línguas que não possuem nenhum dos dois mecanismos.

No que se refere ao estudo do português falado no Brasil, dois são os trabalhos: “Crenças e atitudes linguísticas: a variante retroflexa na variedade rio-pretense”, e “Traços prescritivistas em *A Língua do Brasil*”, respectivamente de Aline Vassoler e Roberto Gomes Camacho, e Saul Cabral Gomes Jr. O primeiro discute a pronúncia retroflexa do rótico em coda silábica, que seria uma variante estigmatizada pelos falantes de outras variedades, a chamada variedade caipira, em que se inclui a região de São José do Rio Preto. Ao examinar em que medida esse traço característico é também estigmatizado na variedade rio-pretense, os autores buscaram avaliar o grau de prestígio ou de estigmatização da variante em comparação a outras duas pronúncias possíveis: o tepe alveolar e a fricativa velar, no contexto seguinte a /a/, /i/ e /u/. Os resultados da pesquisa mostraram que, apesar de a retroflexa constituir um traço identificador da variedade caipira, é à variante tepe que os participantes atribuem maior grau de prestígio. O segundo, inserido no âmbito da Historiografia Linguística, investiga as manifestações do prescritivismo em *A língua do Brasil*, obra de Gladstone Chaves de Melo em que o pesquisador inicia sua produção científica. Segundo Gomes Jr., em *A língua do Brasil*, o prescritivismo manifesta-se de dois modos, segundo um critério da lógica e segundo uma retórica sarcástica, o que leva à conclusão de que, na obra introdutória de Melo, ele empenhou-se em defender *uma* norma: a língua que une Brasil e Portugal.

O artigo “Envolvimento e empatia: a solidariedade construída nas colunas de aconselhamento em revistas”, de Paulo Roberto Gonçalves-Segundo e Rafaela Baracat Ribeiro busca depreender, segundo a abordagem sistêmico-funcional, possíveis realizações do

efeito empatia-antagonismo em práticas discursivas de aconselhamento em revistas de nicho para homens e mulheres adultos e mulheres adolescentes. Segundo os autores, tais práticas consistiriam em lugar relevante para construção do estreitamento do vínculo interpessoal entre a instituição e o leitor que busca, na revista, uma potencial solução para situações-problema típicas de sua identidade social, o que pode favorecer a instanciação de formas especialmente empáticas na resposta da revista.

Em “L’écriture du féminin et le manque fondamental”, Leonardo Alexander do Carmo Silva faz uma aproximação, em suas palavras, inesperada, comparando os romances *Ravissement de Lol V. Stein*, de Marguerite Duras, e *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Para o autor, os romances, aparentemente muitos distintos, trazem em essência um percurso de perda e de dissolução da identidade que permite entrever que o feminino, em ambas as obras, está associado a uma perda fundamental.

Como se pode constatar, o universo de pesquisa e os resultados que são apresentados neste volume são ricos, vários e de relevância acadêmica e social. Quanto a esse aspecto, só nos resta, pois, celebrar e agradecer o fato de termos, em mais este número, o apoio da diretoria do GEL, com sede atualmente na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Assis, que vem investindo cada vez mais neste periódico, permitindo e, principalmente, incentivando a manutenção de uma tradição de divulgação científica em que a qualidade é o maior valor.

Assis, setembro de 2016.

Matheus Nogueira Schwartzmann

Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Editores da Revista do GEL